

Introdução

Por certo, muitos de nós já questionaram ou experimentaram a possibilidade de sermos capazes de “ver” uma música, “ouvir” uma pintura, ou perceber pelos atributos do gosto um determinado poema. E tantas outras vezes, não nos sentimos tentados a encenar um movimento que começou por ser apenas um som na nossa cabeça, ou então, nos assustamos só porque as cortinas da casa da avó são às riscas e nos fazem lembrar a imagem daquele tigre feroz que vimos no circo? Ou, ainda, daquela vez que tivemos a certeza, ao achar que aquele cheiro ou aquele toque correspondia a algo que nos tinha sido dado apenas a sentir, alguns dias antes, pelo olhar?

Estas observações parecem sugerir a ideia, cada vez mais presente, de que o mundo que experimentamos não nos é transmitido aos sentidos de uma forma linear e unívoca quanto às suas relações de causa e efeito. Desde muito cedo descobrimos, que as realidades não são separáveis e que cada uma dá sentido à existência das outras. Os físicos perceberam esta complexa interdependência entre os fenómenos quando, por exemplo, verificaram a impossibilidade em medir simultaneamente a posição e velocidade do electrão no átomo, já que os instrumentos utilizados interferiam nos valores a medir, ou então, mais tarde, quando identificaram relações de aproximação entre espaço/tempo (realidades aparentemente tão distintas!) pela teoria da relatividade. Do mesmo modo, as recentes pesquisas nas áreas da

neurobiologia e da psicologia, com Damásio ou Howard Gardner, fazem-nos admitir diferentes tipos de inteligência e levam-nos a atribuir ao corpo e às emoções um papel fundamental nos processos de raciocínio e do pensamento, introduzindo, entre outros, a variabilidade, a dispersão ou subjectividade como factores, estruturantes para a nossa construção do mundo. Falamos então de uma existência orgânica e complexa da realidade, um todo que não corresponde à soma das partes e cujo “quotidiano se faz e desfaz num entrelaçar de linguagens” (Coquet, 2001). Então, desde este ponto de vista, entender essa realidade, de uma maneira mais completa e gratificante, parece exigir ou, pelo menos suscitar novas formas de leitura semiótica elaboradas a partir da descodificação de diferentes signos.

Neste contexto os livros impressos e ilustrados de literatura para a infância, pela aproximação que realizam das imagens e das palavras, sugerem, muitas vezes, assumirem-se como um espaço plural de materialização de diversificadas abordagens signicas, e, em consequência disso, desafiam-nos a um processo menos habitual de leitura a propósito da forma "contrabandeada" de sentidos e lugares que a relação entre as duas linguagens nos auxilia a explorar.

Com efeito, em certos casos, a combinação que a presença do escrito e do visual oferece à concepção/recepção da obra faz com que, nem sempre, sejam as palavras a guiarem-nos e as nossas interpretações sigam, por vezes, percursos múltiplos de leitura, (des)orientados por questões do género: mas o que faz esta imagem aqui? Afinal, aquela mancha na outra página... isto é curioso, faz-me lembrar...mas está ao contrário!?

Assim, com o presente trabalho, decorrente, em grande medida, da vontade de reflectir sobre a assunção do livro impresso e ilustrado de literatura infantil enquanto um complexo objecto

semiótico, propomo-nos perceber, a partir da análise de obras concretas, de que modo esse objecto, evidenciando uma inquietadora solidariedade entre os códigos verbal e icónico, parece concretizar, quer do ponto de vista expressivo, quer narrativo, um papel relevante da ilustração e do design gráfico na estrutura do livro, pressupondo a sua leitura como um todo.

Num primeiro momento, procuraremos explicitar a ideia de que tais considerações a propósito da concepção/recepção do livro de literatura infantil e não podem, ou, pelo menos não devem, ser dissociadas da emergência do contexto filosófico-cultural da pós-modernidade.

Ao contestar as grandes meta-narrativas elaboradas no âmbito do racionalismo iluminista, a pós-modernidade estabelece uma ruptura com o próprio modo de ler/interpretar o texto tornando – se de certo modo possível, a partir do desmoronar das meta-narrativas de raiz iluminista, que a adopção de um projecto de leitura aberta e plurisignificativa do texto possa ter lugar, originando-se, assim, a emergência e a afirmação de hermenêuticas pluralistas.

Num segundo momento, tendo em conta que os objectos em análise contemplam a impressão de grande diversidade de elementos e múltiplas organizações textuais foi nossa intenção clarificar, desde uma perspectiva semiótica, os significados dos verbos *ler* e *ver* em termos da sua aproximação a um conceito mais amplo, quer texto, quer de leitura.

Por outro lado, colocando-nos desde uma posição que estabelece a obra artística como algo que se realiza na interacção com aquele que a experimenta, e não isolada num, ou noutro polo, procuramos entender a noção de experiência estética “deslocada” da manifestação de um saber ou de um sentimento iminente autorial, para se assumir num universo lúdico, onde o receptor age ao mesmo tempo que se transforma. Nesse sentido, a nossa abordagem partilha, da noção de carácter “aberto” do horizonte de significação da obra artística e do modo como

esta pode suscitar/convidar a uma cooperação activa por parte do leitor na co-construção dos significados textuais.